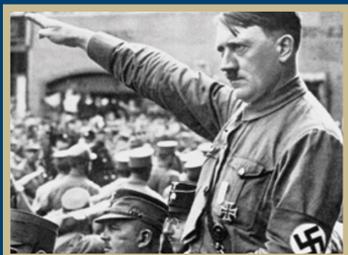


# ANTISSEMITISMO

ANTES

&

AGORA



Hitler, 1933-45



Suástica ostentada, Caruaru (PE), 2021



Boicote aos judeus, Berlin, 1933



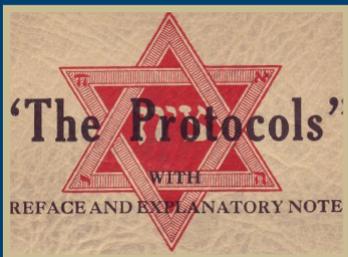
Manifestação anti-Israel, Curitiba 2009



Itália, 1944



Ilustrações racistas de Carlos Latuff



Acusações falsas aos judeus, publicadas em 1903



Fraude antissemítica ainda em circulação em 2021

## Chegamos a um momento crítico

---

O antissemitismo que, após o Holocausto, passou a ser menos admitido publicamente, está voltando à tona. Seus autores não são apenas neonazistas ou membros da Ku Kux Klan (KKK). Discursos e atitudes antissemitas voltaram à luz e são parte do debate público nos corredores do poder, nas redes sociais e em uma campanha global de ódio chamada Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS), que procura destruir Israel, o único Estado judeu do mundo.

O massacre na Sinagoga Tree of Life, em Pittsburgh, nos Estados Unidos, em 27 de outubro de 2018, chocou o mundo e mostrou que o antissemitismo é claramente um perigo hoje. Os EUA são o país que abriga a maior comunidade judaica no mundo, ao lado de Israel. **Apesar disso, judeus representam apenas 2% da população americana. Proporcionalmente, a população judaica é uma ínfima minoria no mundo. Ainda assim, é um alvo majoritário de crimes de ódio. Nesse caso, desproporcional é o preconceito. O FBI informou que, em 2021, judeus foram submetidos a 58% de todos os crimes de ódio motivados por religião.**

A situação na Europa é ainda mais terrível. Os ataques antissemitas no Reino Unido atingem um recorde ano após ano. Em maio de 2021, com o pretexto da escalada do conflito israelo-palestino, houve um recorde de 628 incidentes de antissemitismo no Reino Unido, segundo relatório do Community Security Trust.

Estimativas de 2019 mostraram que, na França e na Alemanha, houve um aumento de incidentes antissemitas de 74% e de 60%, respectivamente. A maioria dos judeus europeus acredita que o discurso antissemita e de ódio é o novo “normal”, a ponto de muitos deles temerem ser identificados como judeus.

Também em 2019, rodou o mundo o vídeo com imagens do filósofo Alain Finkielkraut sendo agredido verbalmente por manifestantes do movimento Colete Amarelo, em Paris. Os militantes tomaram as ruas da França desde o ano anterior para protestar contra as políticas econômicas do país, a começar pelo preço dos combustíveis e depois multiplicando suas demandas. Ao perceberem a presença de Finkielkraut, vários participantes do protesto gritaram “judeu sujo”, “sionista sujo”, e “você vai morrer, você vai para o inferno”. Parisiense, o

intelectual também escutou gritos de “volte para Tel Aviv”, evidenciando a dificuldade de judeus serem reconhecidos como iguais por seus compatriotas quando há antissemitismo.

Muitos acreditam que o Brasil esteja isento desse tipo de ódio racista, mas estão enganados. No país, os incidentes antissemitas aumentaram em 9% em 2019 quando comparado a 2014, segundo a Liga Antidifamação (Anti Defamation League, ADL). A tendência nacional acompanha o crescimento no mundo; vivemos o período de maior recrudescimento do antissemitismo desde a Segunda Guerra Mundial.

Os últimos embates entre o Exército de Israel e o Hamas, grupo terrorista que controla a Faixa de Gaza, em maio de 2021, renderam pelo menos 17 mil tuítes com a frase “Hitler estava certo” (em inglês), entre 7 e 14 de maio de 2021, também de acordo com a ADL. Na mesma rede social, durante o depoimento de Fábio Wajngarten, ex-chefe da Secretaria Especial de Comunicação Social do Governo Federal, à CPI da Covid, o fato de ele ser judeu também foi lembrado de modo pejorativo. Criticar um agente público é legítimo numa democracia, já fazer uso de sua identidade judaica para tal é puro antissemitismo.



Em outubro de 2018, no dia sabático judaico, um supremacista branco invadiu, armado, a Sinagoga Tree of Life, em Pittsburgh, gritando “Todos os judeus devem morrer”! Ele assassinou 11 membros da sinagoga e quatro policiais, no ataque antissemita que mais matou na história dos EUA.

O antissemitismo do século XXI vem de três fontes principais: a extrema direita, a extrema esquerda e os grupos radicais islâmicos. Há uma mistura de insultos antissemitas tradicionais e um discurso “antissionista” que gira em torno do conflito árabe-israelense.

Combater o antissemitismo que ressurgue em tantas formas diferentes exigirá coragem, tenacidade e recursos. Também

exige que todos nós compreendamos os insultos antissemitas modernos para que possamos identificá-los e ensinar nossos amigos, familiares e colegas - judeus e não judeus - sobre o que o renomado historiador Robert S. Wistrich descreveu como “o ódio que mais durou”.

## Definindo o antissemitismo/ódio ao povo judeu

---

A Aliança Internacional de Recordação do Holocausto (IHRA, na sigla em inglês) é uma organização intergovernamental com 31 países membros, criada para combater o antissemitismo e preservar a memória do Holocausto. Em 2016, a IHRA emitiu uma definição de antissemitismo. Até o momento, essa definição ou alguma variação muito semelhante foi endossada pela União Europeia, Reino Unido, EUA, Canadá, França e várias outras democracias no mundo.

A definição da IHRA para antissemitismo é:

*Uma “certa percepção dos judeus, que pode ser expressada como ódio contra os judeus. Manifestações retóricas e físicas do antissemitismo são direcionadas a judeus ou não-judeus e/ou suas propriedades, a instituições judaicas e a instalações religiosas.”*

Exemplos contemporâneos de antissemitismo na vida pública, na mídia, nas escolas, no local de trabalho e na esfera religiosa poderiam, levando em consideração o contexto geral, incluir, mas não se limitar ao seguinte:



- 1 Clamar, ajudar ou justificar o assassinato/violência de judeus em nome de uma ideologia radical ou de uma visão extremista da religião;
- 2 Chamar de mentiroso, desumanizar, demonizar ou usar estereótipos sobre judeus individual ou coletivamente - como, principalmente, mas não exclusivamente, o mito sobre uma conspiração judaica mundial ou sobre judeus controlando a mídia, economia, governo ou outras instituições da sociedade;
- 3 Responsabilizar o povo judeu por transgressões reais ou imaginária cometidas por uma única pessoa judia ou grupo judeu, ou mesmo por atos cometidos por não judeus;

4

Negar o fato, o escopo, os mecanismos (como as câmaras de gás), ou a intenção do genocídio do povo judeu nas mãos da Alemanha Nazista e de seus apoiadores e cúmplices durante a Segunda Guerra Mundial (o Holocausto);

5

Acusar o povo judeu ou o Estado de Israel de inventar o Holocausto ou exagerar os fatos;

6

Acusar cidadãos judeus de serem mais leais a Israel ou a suas supostas prioridades do que a suas próprias nações;



À direita: “Os sionistas são os nazistas do Oriente Médio Cruéis, arrogantes e dirigidos por uma ideologista racista”.

7

Negar o direito do povo judeu à autodeterminação (por exemplo, alegar que a existência de Israel é um empreendimento racista);

8

Aplicar padrões duplos, exigindo de Israel um comportamento que não é esperado ou exigido de qualquer outra nação democrática;

9

Usar símbolos e imagens associados ao antissemitismo clássico (por exemplo, reivindicações de judeus matando Jesus ou libelo de sangue) para caracterizar Israel ou israelenses;

10

Comparar a política israelense contemporânea com a nazista;

11

Responsabilizar coletivamente os judeus pelas ações do Estado de Israel.

A definição da IHRA também afirma que “críticas a Israel semelhantes às feitas contra qualquer outro país não podem ser consideradas antissemitas”.



“O Estado moderno de Israel foi criado por Rothschilds, não por Deus e o que eles fazem com os palestinos é EXATAMENTE o que eles pretendem fazer com o mundo todo.”

## Antissionismo é o mesmo que antissemitismo?

Sionismo é o movimento que apoia o direito dos judeus à autodeterminação em sua terra ancestral — Israel. Em suma, o sionismo exige igualdade para os judeus como nação.

Criticar as políticas do governo israelense não é necessariamente antissionista ou antissemita.

No entanto:

- Recusar-se a tratar judeus como equivalentes políticos é antissemitismo;
- Tentar destruir o direito dos judeus à autodeterminação e negar a existência de Israel é antissemitismo;
- Retratar o Estado Judeu como um símbolo dos maiores males do mundo é antissemitismo;
- Exigir que os judeus israelenses se tornem um povo apátrida mais uma vez, apesar dos resultados catastróficos de viver nessas condições por mais de 1.900 anos, é antissemitismo;
- Atingir apenas o Estado Judeu por meio de campanhas a favor dos “direitos humanos” e outras campanhas é antissemitismo.



“Os antissionistas que insistem em comparar o sionismo e os judeus com Hitler e o Terceiro Reich parecem, inequivocamente, antissemitas de fato, mesmo que o neguem veementemente! Isso ocorre principalmente porque eles exploram conscientemente a realidade de que o nazismo no mundo pós-guerra se tornou uma metáfora definitiva do mal absoluto. Pois se os sionistas são “nazistas”, há uma obrigação moral de fazer guerra contra Israel. Essa é a linha de fundo do antissionismo contemporâneo. Na prática, isso se tornou a forma mais potente de antissemitismo contemporâneo.”

— Robert S. Wistrich, *Anti-Semitism: The Longest Hatred*

## Antisemitismo moderno

Os “personagens de sempre”, como o supremacista branco, David Duke, e o líder da Nação do Islã, Louis Farrakhan, continuam a espalhar os clássicos insultos antisemitas. Mas, agora, podemos observar o antisemitismo até nos corredores do Congresso dos Estados Unidos, disseminado por líderes dos movimentos de justiça social, como a Marcha das Mulheres. Por exemplo, você consegue dizer a diferença entre as ideias do Institute for Historical Review, organização de extrema direita, e a Dissident Voice, que é o boletim de notícias dos ativistas da extrema-esquerda?

Institute for Historical Review (Revisionistas do Holocausto Neo-Nazistas)	Dissident Voice (extrema-esquerda)
<p>Título da Conferência</p> <p>“Poder judaico-sionista: conscientização e desafio”</p> <p>“Quem vencer as eleições presidenciais deste ano, uma coisa é certa: o poder judaico permanecerá mais potente e influente do que nunca. Hillary Clinton e Donald Trump proclamam seu apoio ao Estado Judeu e atendem ao lobby sionista.”</p>	<p>Título do ensaio</p> <p>“As bases estatais e locais do poder sionista na América”</p> <p>“Qualquer esforço sério para entender a influência extraordinária da configuração do poder sionista sobre a política externa dos EUA deve examinar a presença de agentes-chave em posições estratégicas no governo e as atividades de organizações sionistas locais, afiliadas às principais organizações judaicas e religiosas”.</p>
<p><b>A linguagem é praticamente idêntica. Ambos usam o insulto antisemita do “poder judaico”.</b></p>	

<sup>1</sup> [ihr.org/news/oct2016meeting.html](http://ihr.org/news/oct2016meeting.html) <sup>2</sup> Petras, James, “The State and Local Bases of Zionist Power in America,” *Dissident Voice*, September 1, 2010, [dissidentvoice.org/2010/09/21433](http://dissidentvoice.org/2010/09/21433)

“O ódio aos judeus geralmente é justificado pelos apelos à mais alta autoridade de uma cultura. Durante a Idade Média, isso era a religião - então os judeus foram acusados de matar Jesus. Durante o Iluminismo era a ciência, então os judeus eram considerados uma raça inferior. A maior fonte de autoridade de hoje são os direitos humanos - então Israel é retratado como o pior violador deles.”

—Rabino Lorde Jonathan Sacks, líder religioso e filósofo, autor premiado e uma voz respeitada.

## Antissemitismo e antissionismo

Como em tantos casos de emergência humanitária ao redor do mundo, o Exército de Israel enviou unidades para auxiliar equipes locais nas buscas por feridos e corpos no Brasil, em 2019, depois do rompimento de uma barragem em Brumadinho, em Minas Gerais, e nos Estados Unidos, em junho de 2021, após um prédio residencial colapsar em Surfside, na Flórida. Desde 1985, a Unidade Nacional de Resgate das Forças de Defesa de Israel (FDI) enviou soldados a países como México, Argentina, Chile, Haiti, Japão, Turquia e Nepal, configurando um gesto de solidariedade em momentos dramáticos. Apesar disso, a presença da unidade israelense suscitou, tanto no Brasil quanto nos EUA, desconfiança, hostilidade e até calúnias. Que outro país, além de Israel, seria recebido dessa forma? E qual seria o motivo para isso, além do velho antissemitismo?

O ex-senador Roberto Requião (MDB-PR) compartilhou um tuíte que insinuava uma teoria conspiratória envolvendo a equipe de busca israelense e a invasão da Venezuela. Apesar de considerar bem-vinda toda ajuda humanitária, o deputado Paulo Pimenta (PT-RS) considerou curioso o trabalho de militares estrangeiros de Israel “em detrimento dos nossos compatriotas das Forças Armadas que conhecem melhor que ninguém o nosso território”.



*Deputado se manifesta sobre presença israelense em Brumadinho (MG)*

*Foto: Reprodução da internetAgência/Câmara de Notícias*

Mais explícito, o cartunista Carlos Latuff desenhou um dos soldados israelenses se desculpando pelo atraso por ter estado ocupado matando palestinos. Latuff já recebeu, em 2012, o vergonhoso título de uma das pessoas mais antissemitas do mundo pelo Simon Wiesenthal Center, organização internacional de defesa aos direitos humanos.

Curiosamente, ao desembarcar na Flórida para prestar ajuda humanitária, a unidade de resgate israelense foi acusada com argumento semelhante ao usado pelo cartunista brasileiro. A ativista política americana e ex-líder da Marcha das Mulheres Linda Sarsour endossou publicamente a frase postada no Twitter: “Eu realmente não entendo o envolvimento da IDF [Forças de Defesa de Israel, na sigla em inglês] em tentativas de resgate de pessoas tragicamente esmagadas sob prédios em Miami. Sua especialidade é destruir prédios com pessoas, não resgatá-las”. As semelhanças refletem a universalidade do antissemitismo e o fato de ele se aproveitar do discurso anti-Israel para ser tolerado na esfera pública.

### **Cartunista desrespeita as vítimas de Brumadinho com charge grosseira**

Aproveitando o desastre de Brumadinho para expressar sua visão política, Carlos Latuff desrespeita vítimas, sobreviventes e familiares, ao atacar o presidente Jair Bolsonaro e a ajuda do governo de Israel.



Antissemita contumaz, Carlos Latuff hostilizou a delegação israelense

Crédito: Reprodução da internet/Último Segundo IG

## Integração do antissemitismo — à esquerda e à direita

Em março de 2020, o presidente nacional do PTB, Roberto Jefferson, usou sua conta no Instagram para difundir uma mensagem clássica de antissemitismo, a qual acusava judeus de adorarem divindades satânicas e sacrificarem crianças. A disseminação retoma no ambiente virtual uma prática do século XII conhecida como libelos de sangue, boatos de que judeus de assassinavam crianças cristãs para usarem o sangue das vítimas em rituais religiosos. O resultado dessas invenções, durante a Idade Média na Europa, era a marginalização, violência e morte de membros das comunidades judaicas locais.

Também em 2020, no mês de janeiro, o então secretário especial da Cultura do Governo Federal, Roberto Alvim, divulgou um vídeo oficial recheado de referências visuais e textuais ao ministro de Adolf Hitler, Joseph Goebbels (1897-1945). Ele foi exonerado do cargo após a reação pública às imagens. Entidades da comunidade judaica brasileira repudiaram o discurso de por fazer apologia ao nazismo, regime responsável pelo assassinato de mais de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.



Roberto Jefferson levou ao Instagram calúnias medievais. Reprodução / Instagram



Roberto Alvim, então secretário especial da Cultura, usou múltiplas referências verbais e imagéticas do nazista Joseph Goebbels

Em entrevista ao portal HuffPost Brasil, em 2019, **Ciro Gomes** (PDT-CE) proferiu a frase que dispensa explicações pelo racismo explícito das palavras: “Esses corruptos da comunidade judaica que acham que, porque são da comunidade judaica, têm direito de ser corruptos”. No ano seguinte, reincidiu, pelo Twitter, falando sem citar nomes de “empresas corruptas de Israel”. Interessante perceber que, no mesmo post, Gomes citou outros países, Espanha e Estados Unidos, mas foi só Israel que recebeu a acusação.



Licença Creative Commons

No plenário da Câmara Municipal de São Paulo, em 2019, o vereador **Adilson Amadeu** (DEM) chamou seu colega Daniel Anemberg (PSDB) de “judeu filho da p...” durante a votação de um projeto de lei. Mais um exemplo de ataque racista que dispensa explicações.



Foto: Reprodução/Twitter

**Edmilson Rodrigues** (PSOL), prefeito de Belém, compartilhou em seu Facebook que o governo de Israel “reproduz contra o povo palestino atrocidades comparáveis às perpetradas contra o povo judeu pelo nazismo”. Além de ser uma informação falsa, o conteúdo é antissemita, de acordo com a definição IHRA, como já vimos.



Licença Creative Commons

### Nos Estados Unidos

Novamente, o fenômeno do antissemitismo permear diferentes espectros ideológicos da política não é exclusividade do Brasil.

**À esquerda** • A congressista americana Rashida Tlaib proferiu uma calúnia sobre a dupla lealdade poucos dias após assumir seu cargo. Em resposta a um debate no Senado sobre um projeto de lei anti-BDS, ela escreveu que os apoiadores do projeto “esqueceram o país que eles representam”. Ironicamente, Tlaib foi filmada em sua festa de vitória dançando envolta em uma bandeira palestina. Durante a campanha de

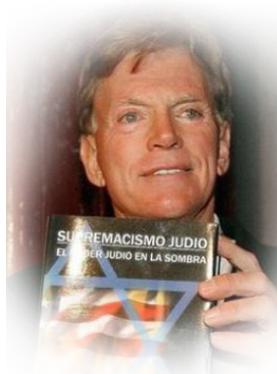
2018, Tlaib se opôs à solução de Dois Estados e à existência de Israel, dizendo: “Precisa ser um Estado”. Ela também disse: “Apoio absolutamente o direito ao retorno”. No entanto, de acordo com muitos, incluindo ex-presidente Barack Obama, o direito ao retorno “extinguiria Israel como um Estado Judeu”. Tlaib também apoia o movimento de boicote anti-Israel. Por fim, durante sua recepção de juramento e outros eventos, ela posou para fotos com Abbas Hamideh, que glorificou o assassino de crianças Samir Kuntar como um “lendário mártir do Hezbollah”.

**À direita** • O congressista americano Steven King perdeu sua cadeira no comitê por dizer: “Nacionalista branco, supremacista branco, civilização ocidental - como esse tipo de linguagem se tornou ofensiva?”. A supremacia branca e o nacionalismo branco são ideologias profundamente atissemíticas. No ano passado, ele se encontrou com o partido da extrema-direita da Áustria, fundado por um ex-oficial nazista da SS. Em uma entrevista para um site associado ao Partido da Liberdade, King disse: “Grande substituição, sim. Dessas pessoas que entram na Europa por migração étnica, 80% são homens jovens. Eles são bebês de outra pessoa”. A “Grande Substituição” é uma teoria dos nacionalistas brancos de que uma trama judaica está conspirando para substituir os europeus brancos por pessoas de cor. Essa é a fonte do grito “judeus não nos substituirão!”, pronunciado por neonazistas em Charlottesville, em agosto de 2017.



## Na extrema-direita: Supremacia Branca

David Duke é um supremacista branco, teórico da conspiração antissemita e antigo membro da Ku Klux Klan (KKK), grupo racista norte-americano. Nascido e atuante como ativista político nos Estados Unidos, ele tem um histórico de declarações homofóbicas e racistas contra negros e judeus, entre as quais:



- “Os judeus estão cheios de ódio e raiva por nossa raça, por nossa herança, por nosso sangue, bem mais do que talvez você possa imaginar”;
- “As pessoas que estão incentivando a supremacia judaica, o sionismo - são um mal absoluto e são loucos. Tudo o que querem é mais poder e, portanto, há um perigo real”.

## Em movimentos de justiça social



Louis Farrakhan, líder da Nação do Islã, que é abertamente antissemita e homofóbico, disse:

- “Judeus satânicos infectaram o mundo inteiro com veneno e mentiras”;
- “Então, quando eles falam sobre Farrakhan, me chamam de odiador, você faz o que eles fazem, me chamam de antissemita. Parem com isso, sou anti-cupim”;
- “Os judeus têm o controle destas agências do governo. Quando você quiser algo neste mundo, os judeus têm a chave”;
- “Agora está se tornando aparente que havia muitos israelenses e judeus sionistas em papéis-chave nos ataques do 11 de setembro. Israelenses tinham conhecimento prévio dos ataques. Sabemos que muitos judeus receberam uma mensagem de texto para não trabalhar em 11 de setembro”.

• “O falso judeu o levará à sujeira e à indecência. É quem executa o show business. É quem dirige a indústria fonográfica. É quem dirige a televisão”.



A líder da Marcha das Mulheres, Tamika Mallory, chamou Farrakhan de “G.O.A.T” (o maior de todos os tempos) e se recusa a condená-lo por seu antissemitismo. Em um tweet, respondendo às críticas, ela escreveu outro insulto antissemita, comparando Farrakhan a Jesus, que compartilhava um inimigo em comum: os judeus: “Se o seu líder não tem os mesmos inimigos que Jesus, ele pode não ser o líder! Estude a Bíblia e você encontrará as semelhanças”.

Linda Sarsour, líder da Marcha das Mulheres, também se recusa a condenar Louis Farrakhan, líder da Nação do Islã. Falando na convenção da Sociedade Islâmica da América do Norte (ISNA), ela pediu aos muçulmanos americanos que não “humanizem israelenses”. Ela comparou sionistas com neonazistas quando declarou: “Nós não seremos silenciados por supremacistas brancos, por neonazistas ou sionistas de direita”. Em 2012, ela tuitou: “Nada é mais assustador que o sionismo”. Em 2017, Sarsour dividiu o palco com Rasma Odeh, terrorista que assassinou dois estudantes judeus israelenses de uma universidade em 1969, e disse sentir-se “honrada e privilegiada por estar aqui neste espaço e por estar neste palco com Rasma”.



Os ativistas da extrema-esquerda se apropriam da luta pelos direitos das mulheres e outras questões de justiça social para promover uma agenda antissemita.

### Na Europa

**À esquerda** • O antissemitismo em pólos opostos do espectro político não se resume ao Brasil ou aos EUA. Parlamentar britânico desde 1983, Jeremy Corbyn foi suspenso do Partido Trabalhista, o qual liderava, em 2020, por antissemitismo. Foram encontrados pelo menos 23 casos em que Corbyn expressou racismo contra os judeus e, diante de reclamações ou denúncias, reagiu de modo a deslegitimar vítimas de antissemitismo. Concluída em maio de 2019, a investigação feita pela Comissão para a Igualdade e Direitos Humanos, apurou que o Corbyn tinha responsabilidade, mas não era o único a contribuir com o antissemitismo dentro do partido. A análise apontou que “na melhor das hipóteses, [o Partido Trabalhista] não fez o suficiente para prevenir o antissemitismo e, na pior das hipóteses, pôde ser visto como aceitando-o”, segundo matéria publicada pela BBC de Londres.



Jeremy Corbyn liderou atos antissemitas dentro do Partido Trabalhista britânico. Enquanto na Alemanha, a legenda AfD, de extrema direita, é envolvida em ações que negam o Holocausto.



Legisladores de extrema direita da AfD saem da comemoração do Holocausto na Baviera



**À direita** • Na Alemanha, em 2019, legisladores do partido de extrema direita AfD se retiraram de uma cerimônia em memória ao Holocausto realizada na Baviera. Os políticos foram duramente criticados por terem saído durante um discurso da líder da comunidade judaica local, Charlotte Knobloch. Uma sobrevivente do Holocausto, Charlotte acusou o partido de minimizar as atrocidades nazistas. No mesmo ano, o memorial de Buchenwald, antigo campo de concentração nazista no leste da Alemanha, proibiu o partido AfD de participar de uma cerimônia em memória dos 6 milhões de judeus assassinados no Holocausto por seu revisionismo histórico

## Da extrema-esquerda: antissionismo

**Roger Waters**, o co-fundador da banda de rock Pink Floyd, é líder e apoiador do movimento antissemita BDS. Muitos de seus posicionamentos ultrapassam os limites de crítica a Israel e atingem o antissemitismo. Ele acusa os judeus de abuso de poder: “O lobby judaico é extremamente poderoso aqui,



## No Brasil

No Brasil, um conhecido defensor da soberania branca e de ideias neonazistas foi **Siegfried Ellwanger Castan** (1928-2010), industrial, escritor e livreiro brasileiro. Negacionista do Holocausto, foi fundador da Editora Revisão, que publicava livros de cunho antissemita e neonazista. Nas palavras dele:



Foto: Reprodução da internet  
Redação VISTAS/PALESTRAS

- “[A ameaça é] a comunidade sionista, eles são muito eficientes, fanáticos, são muito poderosos não só aqui como em todo o mundo”;
- “Nunca existiu câmara de gás”;
- “Eles [neonazistas] não matam, não espancam, não perseguem ninguém”.

## No Brasil

Uma entre tantas provas de que ideias nazistas ainda encontram eco é o caso do **Wandercy Antônio Pugliesi** que, em 2014, chamou a atenção por ter uma cruz suástica estampando o fundo da piscina de sua casa. Conhecido como Professor Wander, ele se candidatou à Câmara Municipal de Pomerode, em Santa Catarina. Felizmente, seu histórico de analogia ao nazismo o levou a ser desfilado ao partido Partido Liberal (PL).



*Reprodução/ Correio Braziliense*

Em 2018, o apoio do Consulado Geral de Israel em São Paulo à Parada do Orgulho LGBTQIA+ da capital paulista, a maior do Brasil, gerou repúdio por parte de setores progressistas da sociedade. O Setorial Estadual LGBT do PSOL emitiu nota contra a presença israelense no evento. Apesar de Israel ser o país reconhecidamente mais amigável para a comunidade LGBTQIA+ em todo Oriente Médio e de Tel Aviv ser uma das cidades mais abertas a esse público no mundo, a mensagem afirmava:

**“É inadmissível um evento que diz celebrar o amor, a igualdade e a diversidade aceite o apoio e a presença de um estado racista que vem invadindo as terras e massacrando todo um povo há 70 anos, com um bloco próprio chamado ‘Tel Aviv Israel’”.**



Reprodução/ Al Jannah

O Al Jannah, conhecido espaço político e cultural da cidade, também se manifestou em suas redes sociais:

**“Trata-se da materialização do chamado pinkwashing - um esforço sistemático e institucional que utiliza a causa LGBT para tentar lavar a imagem deste regime de injustiças”.**

## Uma linha vermelha que não deve ser ultrapassada

---

O antissemitismo é uma ideologia perigosa. Inicialmente, o ódio pode ser concentrado nos judeus, mas seu impacto nunca termina apenas no povo judeu. A última vez que o antissemitismo foi totalmente disseminado, ele provocou o genocídio de seis milhões de judeus, incluindo um milhão e meio de crianças. O Holocausto começou com discursos de ódio e mentiras, não com câmaras de gás. A Segunda Guerra Mundial e o Holocausto terminaram com a morte de aproximadamente 60 milhões de pessoas.

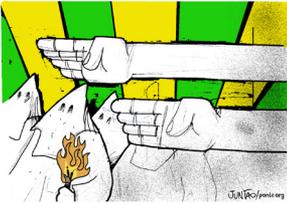
No entanto, o antissemitismo tem se tornado popular novamente. Esta é uma linha vermelha que não deve ser ultrapassada. A propaganda de ódio que provocou o Holocausto deve nos ajudar a informar nossas sensibilidades e ações de hoje. Em nossa democracia, até o discurso do ódio é protegido pela Primeira Emenda. Mas o discurso que se opõe ao ódio também é. Essa é a nossa oportunidade. Devemos combater o discurso de ódio com o de amor. Para garantir que a promessa de “NUNCA MAIS” não seja quebrada, devemos nos posicionar.

## Uma linha vermelha que não deve ser ultrapassada

A propaganda de ódio que provocou o Holocausto deve nos ajudar a informar nossas sensibilidades e ações de hoje. Em nossa democracia, é fundamental distinguir a liberdade de expressão do discurso do ódio. Para garantir que a promessa de “NUNCA MAIS” não seja quebrada, devemos nos posicionar, combater discursos e atitudes de ódio por meio da educação, da vigilância e da humanidade.

O antissemitismo é uma ideologia perigosa e resistente no Brasil e no mundo. Inicialmente, o ódio pode ser concentrado nos judeus, mas seu impacto nunca termina apenas no povo judeu, afetando e envergonhando toda a sociedade também. O silêncio só beneficia o agressor, por isso é importante resistir, educar e levantar a voz contra a barbárie.

A última vez que o antissemitismo foi totalmente disseminado, provocou o genocídio de seis milhões de judeus, incluindo um milhão e meio de crianças. O Holocausto começou com discursos de ódio e mentiras, não com câmaras de gás.



Um judeu de 57 anos foi espancado em Jaguariúna (SP). Enquanto batiam, os agressores gritaram palavras de ódio.



Pichação neonazista repete frases de campos de concentração e pede a morte de judeus na Praça Marechal Deodoro, São Paulo.



Panfletos com ofensas a judeus jogados em ruas de condomínios da Barra da Tijuca, na Zona Oeste do Rio.



Bandeira nazista vista na sacada de prédio em Florianópolis



Adolescente com braçadeira com suástica em Caruaru (PE)



Pichação em drogaria no bairro de Higienópolis, São Paulo

# Junte-se à luta contra o antissemitismo

Agora, mais do que nunca, precisamos que você se torne um parceiro do Centro StandWithUs de Combate ao Antissemitismo, que irá:

## Identificar, definir, expor e agir contra o antissemitismo.

Ajude a StandWithUs a estabelecer e desenvolver uma resposta forte e clara ao crescente antissemitismo identificado nesta brochura.

Juntos, combateremos o antissemitismo e daremos a atenção urgente que essa questão merece para proteger as gerações futuras.



## Por favor, apoie a StandWithUs Brasil

Envie sua doação para:

Nome: SWU Brasil Banco: Daycoval-707 Agência: 0001

Conta corrente: 721341-9 CNPJ: 30.587.574/0001-79

digitalbrasil@standwithus.com

(11) 3805-6460



## Visite o Centro de Combate ao Antissemitismo em [StandUpToHatred.com](https://StandUpToHatred.com)

StandWithUs (também conhecido como Israel Emergency Alliance) é uma organização isenta de impostos sob a Seção 501 (c) (3) do Código de Receita Federal. © 2021 StandWithUs. Todos os direitos reservados.

**SIGA STANDWITHUS PARA  
SE MANTER INFORMADO!**



**Ajude-nos a enviar esta  
publicação para outras pessoas**

Encomende este ou outros livretos em  
[www.standwithus.com/store](https://www.standwithus.com/store)